



Bravo!

LER, VER E OUVIR

“Os autores muitas vezes dizem coisas de que não têm consciência; só depois de tomar conhecimento das reações dos leitores é que descobrem o que disseram.”

UMBERTO ECO
(EM CONFISSÕES DE UM JOVEM ROMANCISTA)

FOTOGRAFIA



E o Brasil abraçou Lula

A HISTÓRIA DE UMA FOTO QUE VAI FICAR PARA A HISTÓRIA, TIRADA POR UM FOTÓGRAFO AUTODIDATA DE 18 ANOS

Ele não usou drone. A foto da década foi feita do segundo andar do prédio do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo com uma câmera Canon 6D fixa e lente de 35 mm.

Fotógrafo autodidata de 18 anos, Francisco Proner foi o autor da imagem mais disseminada do universo político brasileiro nos últimos anos, publicada no *Le Monde*, *El País*, *New York Times*, *Página 12* e, a contragosto, em alguns dos principais jornais brasileiros. Um abraço gigantesco em torno do presidente Lula no momento em que este saiu do sindicato, no último sábado, dia 7.

Francisco nasceu em Curitiba e vive no Rio. Integra um jovem coletivo de midiativismo, o Coletivo Farpa, com sete integrantes do Rio e São Paulo. Está no terceiro ano colegial e pensa em prestar vestibular para Ciências Sociais em algum tempo.

O jovem relutou em falar sobre o feito. “Agora eu não quero ser o protagonista. Não quero desviar o foco, o foco é o

Lula. Se for daqui a três meses e quiserem falar com um jovem fotógrafo, eu falo”, disse. Mas, no fim, deu uma colher de chá a *CartaCapital*, concordando em lembrar aquela tarde: “Quando o Lula desceu, eu desci para fotografar. Mas não peguei nada bom. Vi o mundaréu de gente e subi numa cadeira. Nada. Aí voltei ao segundo andar, o lugar onde ficavam os movimentos sociais, a mídia alternativa. Na hora que acabou o discurso, vi a movimentação e fui de janela em janela procurando uma foto vertical”. – Jotabê Medeiros

CartaCapital: É a sua foto mais disseminada?

Francisco Proner: É uma das mais reproduzidas.

CC: Tá brincando que já teve outras?

FP: Sim. Teve uma que viralizou, uma foto da transposição do Rio São Francisco, uma senhora na beira do rio. Também houve outra que fiz na manifestação contra a reforma da Previdência, um pôr do sol com helicópteros. Mas essa é a que mais foi

reproduzida, a que me deu mais orgulho.

CC: Você sabe se Lula a viu?

FP: Espero que sim. Eu vi essa campanha que a militância está fazendo, dando o endereço lá da PF para as pessoas enviarem cartas. Gostaria de enviar para ele a foto.

CC: Você já teve acesso direto a Lula?

FP: Já fiz muita cobertura dele em atos públicos, então o acesso foi por meio de reuniões políticas. Recebi algumas críticas por estar em lugar privilegiado, mas era o lugar em que ficavam os personagens políticos, as mídias alternativas. Essa foto se deve ao meu comprometimento com o midiativismo, eu tinha uma pulseirinha. Fiz de uma janela onde outros fotógrafos poderiam estar, e havia outros. Divulguei pela Mídia Ninja e pelos Jornalistas Livres. Foi curioso: a foto viralizou de acordo com a vontade das pessoas. Elas se identificaram e perceberam que foi representativa. E, a partir disso, ganhou o mundo.

CC: Por que você faz fotojornalismo? É um momento de crise, tenho muitos amigos fotógrafos que reclamam da profissão, e você tem 18 anos. O que o levou a escolher essa linguagem?

FP: Eu não sei como te responder isso. O que eu queria deixar explícito é que o fotógrafo não pode ser mais importante do que a foto e o que ela representa. Essa foto subverteu a lógica da Lava Jato e ajudou a mudar a forma como a Operação é vista pela opinião pública nacional e internacional.

CC: Você fez curso de fotografia?

FP: Não. Participei de um workshop em Perpignan, na França, da Agência Magnum, no ano passado. Havia palestras de fotógrafos do *Washington Post*, da Magnum, diversos veículos. Era destinado a jovens europeus, 200 jovens de universidades.

CC: Você vai continuar cobrindo Lula?

FP: Espero continuar.

Bravo!

ULAS

PARA AS MARIAS

"Diretor musical" da missa inter-religiosa para Marisa Letícia que antecedeu sua prisão, Lula selecionou para início de conversa **Maria, Maria** (1978), uma homenagem de **Milton Nascimento** às Marias do Brasil, imortalizada por **Elis Regina**.

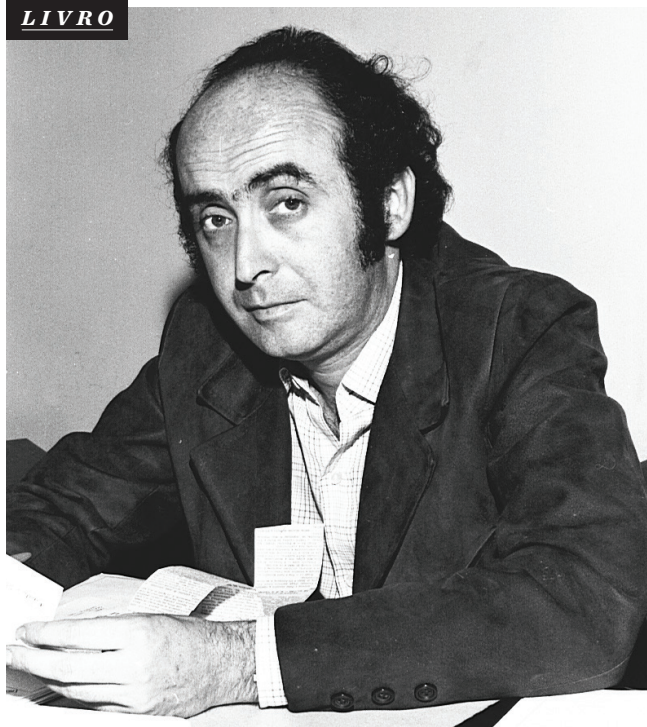


DE PAI PARA FILHO

O elenco de jovens músicos reunidos em São Bernardo do Campo passou pelo hino migratório **Asa Branca** (1947), do pai conterrâneo pernambucano **Luiz Gonzaga**, e pela canção de otimismo pós-anistia **O Que É, o Que É?** (1982), do filho **Gonzaguinha**.



LIVRO



À BEIRA DO ABISMO

UM LIVRO DO FILÓSOFO EDSON TELES INTERPRETA O PAÍS ENTRE A FALSA RECONCILIAÇÃO E A EXCEÇÃO PERMANENTE

Edson Teles nasceu em 1968 e foi batizado Edson Luís, em homenagem ao estudante secundarista paraense Edson Luís de Lima Souto (1950-1968), assassinado naquele ano, aos 18 anos, por policiais militares no Rio de Janeiro, no contexto da convulsão social que antecedeu a instituição do AI-5 pela ditadura civil-militar de então. Em 1972, aos 4 anos, Edson esteve na prisão, em situações de

que ele não pode se lembrar, na companhia dos pais presos políticos, César e Maria Amélia Lemos. Ele se lembra das marcas de tortura nos rostos da mãe e do pai.

No ano em que completa 50 anos, o hoje filósofo Edson Teles testemunha os descaminhos do Brasil de 2018 e reflete sobre eles no livro *O Abismo na História – Ensaaios sobre o Brasil em Tempos de Comissão da Verdade*, um documento vivo que ajuda a

decifrar os porquês de 1964 desaguar, nos dias correntes, em nova suspensão do instrumento do *habeas corpus* no País, desta vez não via ato institucional, mas pelo encarceramento do mais conhecido brasileiro vivo, Luiz Inácio Lula da Silva.

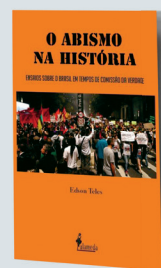
O objeto central de reflexão de Teles é a Comissão Nacional da Verdade, instalada no Brasil ainda dilmista para apurar, de modo acanhado, os crimes mantidos impunes pelos edifícios institucionais que não implodiram com a suposta implosão da ditadura nos anos 1980. O autor classifica tais comissões como "construções em abismo", que lançariam os processos de apuração da verdade no vazio. "Abismo porque, quanto mais se lança em direção à chamada verdade, mais se confirma que pouco será desvelado", define.

A argumentação de Teles diz tudo a respeito do momento em que a sociedade se encontra hoje, diante da prisão de Lula. Para ele, "o argumento do 'medo', fantasmagoria de um perigo invisível, forçaria o governo a adotar uma política do possível", sempre contemporizando com as "forças invisíveis", os torturadores e outros esqueletos vivos da ditadura, em prol de uma suposta "reconciliação nacional". A conclusão não explicitada pelo

filósofo é de que, de tanto termos acalentado o medo dos pequenos estados de exceção implantados silenciosamente no coração da (suposta) democracia, eis-nos aqui de volta a um Estado que é menos democrático do que de exceção. "O perigo da política em constante recuo é que, em algum momento, de fato, a democracia se percebe frágil e entregue às estratégias autoritárias", escreve.

Se é possível uma nesga de luz na treva, Edson Luís (que em 2018 poderia se chamar Marielle) Teles entrega-a a uma filósofa alemã morta em 1975, quando seu pai ainda estava na prisão: "Neste abismo entre o passado e o futuro é sempre bom lembrar de Hannah Arendt, para quem os 'tempos sombrios' podem ser uma abertura para processos criativos". – Pedro

Alexandre Sanches



ABISMO NA HISTÓRIA – ENSAIOS SOBRE O BRASIL EM TEMPOS DE COMISSÃO DA VERDADE

De **Edson Teles**. Alameda. 145 págs., 42 reais.

MAURICIO FIDALGO/GLOBO

NÃO SOU EU QUEM ME NAVEGA

A alegria sem rumo de **Deixa a Vida Me Levar** (2002), de **Zeca Pagodinho**, eclodiu da euforia da eleição de Lula à tristeza do 7 de abril, no desfecho entre missa católica e samba.



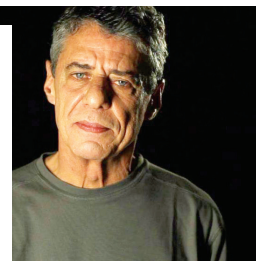
ESTÁ NASCENDO UM NOVO LÍDER

A gravadora Philips rejeitou **Zé do Carão** quando a sambista **Leci Brandão** a compôs, em 1980; a fábula sobre o advento de um líder favelado veio à tona já na redemocratização.



AMANHÃ HÁ DE SER

A despedida foi com **Apesar de Você** (1971), de Chico Buarque, lançada por **Clara Nunes** e por **Benito Di Paula**, "cafona" cujo LP de estreia foi apreendido pela ditadura, devido aos versos antimilitares *apesar de você/ amanhã há de ser/ outro dia*.



SHOW

UM ANO SEM BELCHIOR

Amar e Mudar as Coisas.

No Bourbon Street (Rua dos Chanés, 127, Moema). Terça-feira 17, 21h30. 65 reais.

Elis, Vanusa, Elba Ramalho: a música de Belchior sempre alcançou com grande impacto as mulheres cantoras brasileiras, que a impulsionaram à frente para diversos públicos. Agora, no mês em que se completa um ano da morte do cantor e compositor cearense, as cantoras Ana Cañas (paulistana), Karina Buhr (pernambucana) e Taciana Barros (paulistana, ex-Gang 90), de gerações diferentes, fazem uma leitura



muito especial do repertório do artista.

Por vezes explosivas, noutras minimalistas, elas apresentam o show *Amar e Mudar as Coisas*, em homenagem a Belchior, no tradicional reduto jazzístico Bourbon Street, em São Paulo. Seja Karina Buhr cantando *Sujeito de Sorte*, com uma levada meio mangue bit, seja Ana Cañas, ativista

Lula Livre de primeira hora, cantando *Na Hora do Almoço* (primeiro hit de Belchior) de forma lancinante; e à pulsão meio caipira urbana da versão de Taciana para *Paralelas*: o show envolve e projeta adiante a música de Belchior. A produção, que estreou em agosto, já correu o circuito Sesc paulista.

Num contraponto literário e cênico, a atriz Martha Nowill faz a "amarração" do show lendo trechos de letras de canções e da biografia do compositor, *Belchior: Apenas um rapaz latino-americano* (Editora Todavia), de 2017. Além das cantoras, também participam os músicos Igor Brasil e Thiago Barromeo. - JM

A AGENDA DE QUEM É CINÉFILO ESTÁ LOTADA NESTA SEMANA



NITERÓI SEG(16) 20h30
SÃO PAULO SÁB(14) 23h20



NITERÓI SEX(13) SÁB(14) 22h00
SÃO PAULO SÁB(14) 23h10



NITERÓI SEX(13) SÁB(14) 22h20
SÃO PAULO SÁB(14) 22h40



NITERÓI 15h00 • 16h50 • 18h40
SÃO PAULO 15h20 • 17h10 • 19h00 • 20h50



NITERÓI 16h20 • 18h10 • 20h00
SÃO PAULO 15h10 • 17h00 • 18h50 • 20h40



SÃO PAULO 13h15



SÃO PAULO 15h20

GASTRONOMIA • CINEMA • CAFÉ • LIVRARIA & DVD'S

NITERÓI-RJ
AV. VISCONDE DO RIO
BRANCO 880 • 21 3604 1545

RESERVA
CULTURAL

SÃO PAULO
AVENIDA PAULISTA 900
11 3287 3529

CONFIRA NOSSA PROGRAMAÇÃO COMPLETA EM:
WWW.RESERVACULTURAL.COM.BR

Bravo!

TEATRO

UM MUNDO DE UTOPIAS

Siete Grande Hotel: A sociedade das portas fechadas. Do Grupo Redimunho, Rua Álvaro de Carvalho, 75, Centro de São Paulo. Até 30 de julho, domingo às 19 e segunda-feira, às 20 horas. Pague quanto quiser.

Em 1º de setembro de 2016, quando o golpe já havia fixado mais um prego no caixão da democracia com o impeachment de Dilma Rousseff, a Polícia Militar perseguia cidadãos em São Paulo. Na Rua Álvaro de Carvalho, os manifestantes que fugiam do gás lacrimogêneo encontravam portas lacradas até que uma delas se abriu. Era a do Espaço Redimunho, grupo teatral que naquela noite iniciava as primeiras leituras para a peça *Siete Grande Hotel*.



O tempo passou e foram compostas sete histórias fragmentadas, porém, costuradas sob uma forte simbologia. “A sociedade das portas fechadas”, subtítulo para o texto que rendeu a Rudifran Pompeu o prêmio de melhor dramaturgia da Associação Paulista de Críticos de Arte 2017, é o retrato do

Brasil mesquinho de hoje.

Peça itinerante que começa no Espaço Redimunho e termina no contíguo Hotel Cambridge (cenário do premiado longa de Eliane Caffé), simbolicamente uma ocupação artística e outra de moradia, *Siete Grande Hotel* leva o público a conhecer insólitas histórias de hóspedes em

sete quartos, universos particulares a viver em um mundo de utopias. São personagens como o ladrão de santos, o açougueiro sociopata, a “louca” dos sapatos, os soldados agonizantes, o tecedor de bandeiras. Alguns deles estão semidescalços, o que serve de metáfora para um país que quase chegou lá. A cenografia, de grande potência estética, traduz um texto que é mesmo perturbador, enquanto reflexão de um país que exclui seu próprio povo marginalizado.

O Grupo Redimunho mescla o humor com a crítica, a beleza e a feiura cênicas, o jocoso com o abjeto, o político e o nonsense, em um jogo de palavras que pode ser interpretado de diferentes formas pelos distintos públicos. — Eduardo Nunomura

Locarno Festival
Official selection

SELEÇÃO OFICIAL
Festival do Rio
2017

SELEÇÃO OFICIAL
Mostra Internacional
de Cinema de São Paulo
2017

SELEÇÃO OFICIAL
Festival de Havana
2017

RT Features e
Sessão Vitrine Petrobras
apresentam



Ingressos até
R\$12 (inteira)
R\$6 (meia)

Severina

Direção e Roteiro Felipe Hirsch

Hoje nos cinemas

Produção

Coprodução

Apoio

Distribuição

Patrocínio de Distribuição



QUANTA POST



MARX PARA CRIANÇAS E PARA JOVENS

EDIÇÕES ILUSTRADAS DEDICADAS AOS PEQUENOS E UMA HISTÓRIA EM QUADRINHOS PROCURAM AMPLIAR O PÚBLICO DO AUTOR DE *O CAPITAL*

O dinheiro é um deus onívoro com cara de porco (ou PIG), à moda dos capitalistas como eram representados pelos Panteras Negras norte-americanos dos anos 1960. O autor do livro infantil *O Deus Dinheiro* é um tal Karl Marx (1818-1883). “A minha força é tão grande quanto a força do meu dinheiro”, proclama o filósofo em poucas palavras, aqui destinadas mais a servirem de moldura para as ilustrações do espanhol Maguma. A editora Ivana Jinkings busca atingir com esse título e com *O Capital para Crianças* um público livre do movimento Escola sem Partido, porque ainda nem chegou à escola. - PAS

CartaCapital: Qual a ideia por trás de lançar *O Deus Dinheiro* pelo selo infantil da Boitempo?

Ivana Jinkings: O lançamento deste título, assim como o de *O Capital para Crianças*, é parte da programação da Boitempo no bicentenário de Karl Marx. *O Deus Dinheiro* é baseado em extratos do célebre texto de Marx sobre o dinheiro nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* de 1844. Já *O Capital para Crianças* segue os moldes desses livros de “pequenos filósofos”, em que uma ideia de um grande pensador é apresentada de



O DEUS DINHEIRO

De Karl Marx, com ilustrações de Maguma. Boitatá/Boitempo. 64 págs. 69 reais.



“O CAPITAL” PARA CRIANÇAS

De Karl Marx, com adaptação de Joan R. Riera e ilustrações de Liliana Fortuny. Boitatá/Boitempo. 32 págs. 37 reais.

forma simplificada às crianças, sem qualquer tipo de julgamento ou “doutrinação”.

CC: Como foram selecionados os trechos do jovem Marx que iriam compor a narrativa?

IJ: Tudo começou quando Maguma, Marcos Guardioli, o ilustrador do livro, foi aceito para participar de uma residência artística de dois meses

para ilustradores da Tara Books.

O desabafo raivoso do jovem Marx sobre o consumismo desenfreado e o poder do dinheiro sobre a sociedade pareceu-lhes um ótimo ponto de encontro. Na residência artística na Índia, Maguma teve a chance

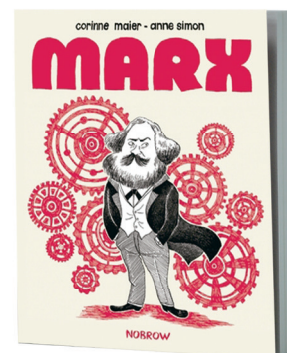
de visitar cinemas, conhecer a arte de rua e expressões populares, e justamente por isso as ilustrações mesclam tão bem referências europeias (há algo de Bosch no caos representado) com elementos visuais indianos, como as referências explícitas a divindades hindus.

CC: Trata-se de um conto de terror para crianças? De um conto de fadas com final infeliz para adultos?

IJ: Não! Com base no relato bíblico da Queda, Maguma cria um mundo surreal, no qual existe a mesma desigualdade entre ricos e pobres, no qual o dinheiro, o pecado original, se conecta com o mundo globalizado. É indicado para crianças dos 12 aos 102 anos de idade.

CC: Deus existe?

IJ: Se existe, parece que anda muito mal assessorado... A resposta aqui me parece menos importante do que a pergunta. Ela suscita respostas que estão ligadas à fé de cada um. Deveria ter mais importância na esfera privada do que na pública. É estranho que nós precisemos acreditar ou não em Deus e que isso ainda nos divida. Agora, se eu estivesse num debate eleitoral na Globo, responderia simplesmente: “Claro!”



MARX - UMA BIOGRAFIA EM QUADRINHOS

De Corinne Maier e Anne Simon. Barricada/Boitempo. 64 págs. 45 reais.

Marx - Uma biografia em quadrinhos é outra publicação que chega para simplificar o que parece complicado, e muitos fazem questão de nem entender. O livro, no formato de história em quadrinhos, apresenta a vida do filósofo alemão e como suas ideias foram sendo concebidas. Com linguagem simples, a HQ mostra a visão de Marx sobre a luta de classes e como ela era a forma possível para resistir ao avanço do capitalismo. Episódios relevantes, como a escrita do *Manifesto Comunista* ou de *O Capital*, estão presentes. “Sou um capitalista ruim, mas espero ser um bom revolucionário”, reflete o pensador, referindo-se ao fato de seu livro ter demandado tantas horas de trabalho, mas tão poucos se interessarem por ele.

A autora suíça Corinne Maier, psicanalista e economista, parece ter encontrado a fórmula do sucesso dentro do capitalismo do século XXI. Também com a ilustradora francesa Anne Simon, já publicou no mesmo formato os livros *Einstein* (inédito no Brasil) e *Freud* (Companhia das Letras). Em 2004, Corinne lançou *Bom Dia, Preguiça* (Campus Elsevier), um best seller mundial, no qual ela tece críticas à vida corporativa. - EN